

# Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte

## Themes and key issues the Sociology of Sport

ASSUMPÇÃO LOT, SAMPAIO TMV, CAETANO JNN, CAETANO JÚNIOR MA, SILVA JVP. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. **R. bras. Ci. e Mov** 2010;18(2):92-99.

**RESUMO:** A Sociologia do Esporte ainda se constitui um tema de estudo e investigação relativamente recente nas Ciências Sociais, tendo se iniciado em torno dos anos 60, especialmente nos países europeus e nos Estados Unidos. Para muitos estudiosos do esporte e da educação física ainda se constitui uma área de pouca familiaridade. Este artigo procura, pois, apresentar e debater uma breve introdução sobre alguns dos temas tratados e das inúmeras possibilidades de pesquisa a serem exploradas e desenvolvidas pela Sociologia do Esporte. Trata-se de um breve panorama introdutório das inúmeras questões de investigação neste campo do saber, podendo ser salientada a importância, o sentido e o significado das práticas esportivas no mundo atual, as funções por ele desenvolvidas, sua relação com as diferentes estruturas sociais, suas formas de organização e controle, as controvérsias geradas, os temas emergentes e as questões mais recentes que tem sido estudadas neste campo de investigações e pesquisa.

**Palavras-chave:** Sociologia do esporte; Educação Física; Cultura.

**ABSTRACT:** Sociology of Sport is still a subject of study and research in Social Sciences relatively recent, having started around 60 years, especially in European countries and the United States. For many scholars of sport and physical education this area still constitutes an area of unfamiliarity. This article therefore seeks to present and discuss a brief introduction to some of the topics discussed and the many research possibilities to be explored and developed by the Sociology of Sport. This is a brief introductory overview of the research questions in this field of knowledge, which can be highlighted the importance, meaning and significance of sports in today's world, the functions it developed, its relationship with different social structures, their forms of organization and control, the controversies generated, emerging issues and recent issues that have been studied in this field of investigations and research.

**Key Words:** Sociology of sport; Physical education; Culture.

Luís O. T. Assumpção<sup>1</sup>  
Tânia M. V. Sampaio<sup>1</sup>  
Juliana N. N. Caetano<sup>1</sup>  
Marco Antonio Caetano Júnior<sup>1</sup>  
Junior V. P. da Silva<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica de  
Brasília – UCB/Programa de  
Mestrado e Doutorado em

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Santa  
Cruz – UESC

Recebido em: 05/11/2009

Aceito em: 06/06/2011

## Introdução

Embora se encontre em franco crescimento, ainda há um campo de investigação no âmbito da Sociologia com desenvolvimento recente no Brasil. Trata-se da Sociologia do Esporte. Como todo campo relativamente novo, ele ainda se encontra em processo de afirmação e de consolidação, o que gera debates, incompreensões, dúvidas, ansiedades. Questões e interrogações sobre seus objetos de estudo, sobre os temas que se debruçam, as investigações realizadas, os enfoques utilizados, as perspectivas exploradas, ainda se fazem presentes.

Motivado por estas preocupações, este artigo foi elaborado. Nossos objetivos são modestos e dirigidos especialmente para aqueles que estabelecem os primeiros contatos com este campo de investigação e, talvez, pouco ainda conheçam sobre suas linhas, orientações, questões, possibilidades de desenvolvimento, problemas emergentes, discussões de cunho teórico.

O esporte reveste-se de grande importância no mundo moderno, constituindo um gigantesco mercado de bens, produtos e serviços. Sua presença é marcante no dia-a-dia das pessoas, as quais mantêm com ele as mais variadas relações. Para alguns é fonte de renda (técnicos, atletas, dirigentes, professores, gestores, preparadores físicos), para outros, divertimento, lazer e entretenimento; para terceiros é fonte e manutenção de saúde. Há uma enorme gama de outras formas de participação, apropriação e envolvimento com as atividades esportivas. Efetivamente, elas desempenham as mais diferentes funções sociais, educacionais, recreativas, ideológicas, políticas, culturais, econômicas, simbólicas. Suas dimensões e significados não as aconselham serem pensadas exclusivamente como fenômeno bio-fisiológico.

Sua crescente importância social e cultural levou as Ciências Sociais a se interessarem cada vez mais pelo assunto. Surgiu e se desenvolveu, então, a Sociologia e a Antropologia do Esporte. Como sub-área de investigação das Ciências Sociais, conheceram maior desenvolvimento a partir de meados dos anos 60, especialmente em alguns países europeus e na América do Norte.

A partir dessa época artigos, livros, ensaios, monografias, dissertações, teses, passaram a ser redigidos,

debatidos, divulgados. Congressos, Seminários, Conferências, Simpósios, Fóruns, Encontros começaram a ser realizados regularmente. A disciplina passou a fazer parte dos currículos de graduação e pós-graduação em vários cursos de Ciências Sociais e de Educação Física. Associações acadêmico-científicas internacionais foram criadas, como a International Sociology of Sport Association, a North American Society for the Sociology of Sport, a European Association for the Sociology of Sport, a Société de Sociologie du Sport de Langue Française, a Japanese Society of Sport Sociology. Grupos de pesquisa se consolidam. Revistas especializadas foram editadas: International Review for Sociology of Sport, Sociology of Sport Journal.

A comunidade acadêmica brasileira não ficou alheia à tendência. Associações científicas reúnem pesquisadores da área, como os grupos de pesquisa e de trabalho congregados na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), na Associação Brasileira de Antropologia (ABA), no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), no Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS). Diretório de Sociologia do Esporte no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é criado. Uma massa crítica sobre o assunto cada vez mais se consolida e se difunde no país e no exterior.

Temas, questões, objetos de análise e de pesquisa são construídos, desenvolvidos e se multiplicam. Neste artigo encontra-se uma introdução panorâmica sobre a Sociologia do Esporte apresentando, em linhas gerais, algumas possibilidades de desenvolvimento e de investigações que permeiam a realidade do esporte inserido no contexto capitalista, ora priorizando a realidade do futebol, ora observando outras modalidades como eixos comparativos.

Entre os aspectos que atravessam a realidade estudada pela Sociologia do Esporte está a compreensão do papel, da função e o significado do esporte na vida das pessoas. Interessa perguntar pelas razões de uma parcela significativa e crescente da população se interessar e se

dedicar, cada vez mais, às atividades esportivas, tanto como praticantes, como espectadores ou consumidores. Chama a atenção o enorme crescimento do mercado de bens e serviços esportivos (academias de ginástica, lojas de material e equipamentos esportivos, canais de televisão específicos), o incentivo à participação em atividades físicas regulares, o incremento do debate sobre a relação entre o esporte e a qualidade de vida.

Somado a esses encontram-se os aspectos sociais, históricos e culturais que levaram ao surgimento, à difusão e à consolidação de diferentes modalidades esportivas em diferentes períodos e em diferentes sociedades. Por isso cabe entender, por exemplo, as razões de, no Brasil, o futebol ter se tornado o esporte socialmente hegemônico; nos Estados Unidos, o basquetebol; em Cuba, o beisebol; na França, o ciclismo; na China, o tênis de mesa; no Japão, as artes marciais; no Paquistão, o críquet; no Quênia, o atletismo; na Nova Zelândia, o rugby.

A Sociologia do Esporte não poderia analisar a realidade atual do esporte e seu lugar na vida das pessoas sem refletir sobre as relações de gênero e suas implicações para este campo de saber<sup>25</sup>. Larga e extensa bibliografia tem sido elaborada e desenvolvida nesse campo, dentre elas podemos citar as de autoria de Hargreaves<sup>13</sup>, Goellner<sup>11</sup>, Goellner<sup>12</sup>, Knijnik<sup>15</sup>, Priore<sup>18</sup>, Romero<sup>22</sup>, Schpun<sup>24</sup>. Dentre os vários assuntos, destacamos as atuais mudanças nos papéis femininos e suas conseqüências para o mundo do esporte. Pode-se pensar, nesta linha, nas percepções culturais e simbólicas da “feminilidade” e da “masculinidade”. Muitas orientações e modelos de condutas esportivos guardam estreita relação com a forma como estas categorias são socialmente construídas. Um exemplo pode ser encontrado na fala da pugilista Tatiana Cozaciski<sup>28</sup> quando, aos dez anos de idade, e interessada na prática do boxe, pediu dinheiro ao pai para comprar um par de luvas, ao que ele reagiu lhe dando “uma surra e uma Barbie”. Em uma perspectiva masculina tradicional, o boxe não seria um esporte apropriado para o sexo feminino, o qual seria socialmente definido como frágil e delicado, não

condizendo, pois, com a agressividade e a violência do pugilato.

As matrizes de gênero desenhadas nas culturas e processos históricos têm força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. O corpo masculino é vestido de azul e o feminino de cor-de-rosa nos primeiros dias de vida sinalizando a “esperada” construção da identidade de gênero em base dos padrões normativos que tecem a força para o corpo masculino e a fragilidade para o corpo feminino. Nesse sentido a análise de gênero possibilita identificar as relações sociais assimétricas que se constroem entre homens e mulheres refletindo-se em todas as esferas da vida, assim como nas práticas esportivas e de lazer<sup>23</sup>.

A participação, as oportunidades e a distribuição dos recursos para o sexo feminino no esporte também tem sido muito estudados. Constata-se, historicamente, haver uma baixíssima presença de mulheres ocupando cargos e desempenhando funções em níveis hierárquicos superiores do esporte, como treinadoras, gestoras ou dirigentes. Até mesmo em equipes e seleções femininas poucas são as mulheres que as treinam e/ou dirigem. Nos estudos pode-se constatar que no esporte de alto rendimento a participação é mínima e em competições olímpicas a primeira a se destacar em 1932, a nadadora Maria Lenk, mais tarde assumirá alguma função de gestão esportiva. No entanto o número hoje bastante expressivo de mulheres nos esportes olímpicos não representa uma alteração significativa no quadro de gestão<sup>17</sup>.

Outro aspecto significativo nos estudos da Sociologia do Esporte recai sobre a realidade das diferenças étnico-raciais que marcam o esporte. São também bastante desiguais os padrões de acesso e de participação dos negros em diversas modalidades esportivas. Em relação aos diferentes grupos étnicos, são também bastante desiguais os padrões de acesso e de participação. Com efeito, praticamente inexistem negros em determinadas modalidades esportivas como o hipismo, o golfe, a natação, o automobilismo, o pólo aquático, o tênis. Também são poucos os que ocupam cargos de gestores. O livro *Forty Million Dollars Slaves*, de William Rhoden<sup>20</sup>, sobre negros alijados da direção do basquete

norte-americano - onde compõem a esmagadora maioria como atletas - é bastante elucidativo e revelador. A Sociologia do Esporte procura investigar os fatores sociais e econômicos que interferem neste processo de exclusão, buscando entender a ideologia racial que afeta as práticas esportivas. Sem dúvida, a ideologia eugenista das primeiras décadas do século XX é responsável por articular processos discriminatórios em relação aos negros e construir uma perspectiva de corpo feminino, belo, forte e saudável propondo que as atividades físicas e os esportes corrigissem as deficiências da raça brasileira<sup>12</sup>.

Nesse sentido, cabe identificar que a análise da questão esportiva por meio da categoria analítica de gênero possibilita estabelecer analogias com a classe e a raça, levando-se em consideração que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos. Muito embora não se possa afirmar uma paridade entre estes três termos e sua aplicabilidade analítica aos processos estruturais são fundamentais para a compreensão das relações de poder que criam espaços impeditivos ora para a prática, ora para as funções de gestão do esporte.

Outras atitudes de discriminação e segregação são também objetos de análise da Sociologia do Esporte. Por exemplo, em atividades esportivas recreativas de jovens e crianças é muito comum encontrar-se posturas, atitudes e falas excludentes. Veja-se o caso das crianças obesas: são vítimas freqüentes de injúrias e apreciações preconceituosas, como piadas pejorativas (“ô rolha”), exclusão dos jogos (“com essa baleia no meu time não jogo”), vitimização pelas derrotas (“a culpa da derrota foi sua, seu hipopótamo”), dentre outros.

Sem dúvida, as análises do esporte, ao considerar as relações sociais de poder de gênero, etnia e classe não poderiam abrir mão de considerá-lo sob a lógica do capitalismo<sup>7,26</sup>. A distribuição desigual de vantagens, de bens e de recursos, os incentivos, os patrocínios, os apoios são bastante diferenciados. A infra-estrutura, os tipos de treinamento, o acesso ao material, os profissionais (médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos), as instalações seletivas, demonstram como a dinâmica segregacionista do capital se faz presente no universo

esportivo e dependendo da modalidade em questão esta realidade fica mais evidente

A sociedade capitalista é uma sociedade de classes, marcada pela desigualdade social. Em um sentido clássico, nela duas classes são fundamentais: a burguesia e o proletariado. A primeira é a proprietária dos meios de produção (máquinas, ferramentas) enquanto o segundo é o vendedor da força de trabalho. A burguesia está empenhada em aumentar a soma dos valores que possui, comprando a força de trabalho, enquanto os trabalhadores a trocam, negociando-a por um salário fonte. Como o capitalismo é regido pela lei do lucro, o salário recebido jamais corresponderá ao tempo de trabalho despendido (a mais-valia), por conseguinte, por maior que ele seja, jamais será justo. Nesta lógica perversa, mesmo um atleta de elevado talento e prestígio, com ganhos de milhões de dólares, sempre estará gerando para quem o paga um valor superior ao que recebe. A dinâmica desigual do capitalismo se reproduz em qualquer esfera e patamar do sistema.

Esta desigualdade também se mostra nos salários pagos aos jogadores profissionais do futebol brasileiro (fonte: Jornal “Folha de São Paulo”, 23/02/1997): 52% deles ganham até um salário-mínimo; 30% de um a dois salários-mínimos; 8% de dois a cinco salários-mínimos; 4% de cinco a dez salários-mínimos; 2% de dez a vinte salários-mínimos e apenas 4% recebiam, naquele ano, mais de vinte salários-mínimos.

A lógica do lucro, a exploração do trabalho, a extração da mais-valia, as desigualdades de classes, são variáveis bastante importantes para a compreensão das interações sociais no universo do esporte.

Ao analisarmos a relação entre as classes sociais e as expectativas dos praticantes de futebol, percebemos que boa parte de adolescentes oriundos de classes sociais mais elevadas provavelmente praticam-no com objetivos e interesses de lazer e distração, buscando saúde, sociabilidade ou qualidade de vida. Entretanto, se observarmos as expectativas de adolescentes originários das classes sociais mais desfavorecidas descobriremos que muitos de maior talento podem vir a enxergar neste esporte um caminho rápido, possível e viável de ascensão

social. Alguns até mesmo se submetem aos testes (a “peneira”) em categorias de base de equipes profissionais, situação raramente encontrada com jovens de classes sociais mais elevadas. Para estes a ocupação primeira como atletas dificilmente estará na pauta das possibilidades a serem perseguidas profissionalmente.

Essa linha de estudo encontra nas reflexões teórico-conceituais de Bourdieu<sup>5</sup> - conceitos de campo, capital, habitus - um excelente quadro de referência. Bons trabalhos têm seguido a perspectiva conceitual do sociólogo francês aplicando a lógica da distinção às práticas esportivas<sup>1,5,27</sup>. Com efeito, o universo do esporte é marcado por divisões de idade, classe, origem social, sexo, entre outros. Algumas modalidades tendem a ser praticadas, majoritariamente, por membros da classe alta ou média alta (hipismo, automobilismo, pólo, natação, golfe, remo), enquanto outros são praticados, na maior parte, por membros das classes sociais mais baixas (atletismo, boxe). O esporte, ao contrário do que apregoam discursos populistas e demagógicos, classifica pessoas, categoriza grupos, distingue universos sociais. A participação não é aberta e democrática uma vez que as sociedades de classes constroem limites e definem campos de possibilidades para a prática e o sucesso.

A emergência, crescimento e globalização dos mercados esportivos é, portanto, uma das ocupações da Sociologia do Esporte. Observemos, ilustrativamente, a divisão internacional do trabalho esportivo: um exemplo expressivo é a composição atual da seleção brasileira de futebol. Única equipe pentacampeã do mundo, provavelmente detentora do maior capital simbólico no futebol mundial, ela amarga o fato de, há vários anos, a maioria de seus atletas atuar fora do Brasil. Precocemente os melhores jogadores do país são transferidos para o rico e cobiçado mercado europeu, o qual, cada vez mais, destrói as bases nacionais das seleções.

Nesta “sociedade em rede”<sup>8</sup>, cresce o debate acerca das conseqüências da globalização para as identidades esportivas nacionais, regionais e locais. Quais seriam as estratégias e os mecanismos para se afirmar, se impor e se manter, atualmente, no esporte internacional; como se dá a mobilidade vertical e horizontal desses atletas; como se

estruturam suas condições de trabalho; como convivem, tão precocemente, com identidades tão globalizadas?

A mídia exerce influência e interfere no comportamento do público e dos esportistas, agindo como uma verdadeira “ponte” entre o mundo e a realidade, estimulando, restringindo, condicionando visões de mundo, estabelecendo padrões de consumo, construindo formas de participação. A Sociologia do Esporte estuda o impacto e a influência exercida pelos diferentes discursos midiáticos, tentando desvendar a lógica da cultura de massa e da indústria do entretenimento neste universo. Por exemplo, como se instituem, se veiculam e se espetacularizam imagens sedutoras e discursos narcisistas na televisão, nos jornais, no rádio<sup>10</sup>.

Discursos e transmissões discriminatórios e segregacionistas são descobertos e analisados. Veja-se o caso do “Globo Esporte”, um dos programas esportivos de maior audiência da televisão brasileira. Pesquisa realizada em 2004<sup>3</sup> demonstra que 70% das matérias ali veiculadas dedica-se exclusivamente ao futebol, e unicamente ao futebol masculino adulto profissional. Segmentos da população como mulheres, idosos, jovens, crianças e outras modalidades esportivas são marginais na pauta das apresentações.

As revistas dedicadas ao culto ao corpo e dirigidas majoritariamente ao público feminino (“Boa Forma”, “Corpo a Corpo”, “Women’s Health” e outras) reproduzem o mesmo processo de segregação social, cultural e simbólico. A população brasileira é multi-étnica, composta, em sua maioria, por negros, índios e brancos. Pois bem, esta composição não se reflete nas capas, nos modelos, nos slogans, nas fotografias e nas matérias veiculadas pelas revistas. Predomina a etnia historicamente dominante—mulheres brancas, de cabelo liso. Modelos negras quase nunca aparecem (a única exceção é a revista “Raça”, a qual começou a ser editada apenas recentemente). Modelos indígenas não foram encontradas.

Diante da realidade apropriada pelos meios de comunicação de massa, braço forte da sociedade capitalista, as questões de ordem política relacionadas ao esporte não são menos importantes para a Sociologia do

Esporte. Inúmeros temas têm sido trabalhados: a gestão, a institucionalização e o controle do esporte pelo Estado; os impactos sociais, econômicos e políticos de eventos esportivos internacionais, como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo; as conseqüências políticas da globalização esportiva; a apropriação e a manipulação político-ideológica do esporte por diferentes regimes políticos. Uma vasta bibliografia tem sido produzida<sup>2,19</sup>.

Se no âmbito das macro-relações as questões estão postas, no âmbito das micro precisam ser elucidadas e podem ser a partir, por exemplo do estudo sobre o fato de o esporte acentuar lealdades, estimular rivalidades, exprimir símbolos de pertencimento social. Equipes, jogadores, competições, precisam ser analisadas como práticas ritualísticas e suporte de identificações grupais. Valores nacionalistas são disseminados e estudados. Entidades abstratas como um país, uma cidade, um bairro, são percebidos como algo visível. Torcendo pelo mesmo clube, as pessoas compartilham hinos, cores, vivências coletivas. Néelson Rodrigues<sup>21</sup> interpretou brilhantemente este fenômeno:

Então faço a pergunta:—que fizemos nós, ontem, em Santiago? [Referindo-se ao jogo da semifinal da Copa do Mundo de Futebol de 1962 realizada no Chile entre as seleções do Brasil e a do Chile] Éramos onze gatos pingados contra milhões enfurecidos. Amigos, todo o Chile se levantou contra nós. A imprensa, o rádio, a TV, o homem de rua, as crianças—quiseram triturar emocionalmente a ‘seleção de ouro’. Nunca se fez um massacre psicológico tão feroz contra alguém. O futebol passou para um plano secundário. O objetivo único foi, repito, a liquidação psicológica dos craques brasileiros (...) O Brasil estava só, mas tinha Garrincha. Feliz do povo que pode esfregar um Garrincha na cara do mundo (...) Quando ele enfiou um gol e depois outro, isso aqui foi, como diria um orador de gafeira, foi uma pátria constelada de garrinchas (...).

Hoggart *apud* Bromberger<sup>6</sup> lembra que “la plupart des groupes sociaux doivent l’essentiel de leur cohésion à leur pouvoir d’exclusion, c’est-à-dire au sentiment de différence attaché à ceux qui ne sont pas ‘nous’” (a maior parte dos grupos sociais devem o essencial de sua coesão a seu poder de exclusão, isto é, ao sentimento de diferença relacionado àqueles que não são considerados ‘nós’” (292). No esporte, estas divisões são estabelecidas de maneira imediata e instantânea, sem nada de permeio: as torcidas se afirmam e se identificam por oposição, exclusão e negação mútua, cada qual movimentando

signos de pertencimento coletivo. Lembra DaMatta<sup>9</sup> que “torcida” deriva do verbo “torcer”, contorcer-se sobre si próprio. É a “massa”, uniforme, onde moços e velhos, homens e mulheres, negros e brancos, são “sintetizados” em um corpo denso e compacto, construindo momentos de efervescência emocional, criadores da identidade coletiva. Cada disputa, cada drible, cada gol, são imediatamente acompanhados pela resposta coletiva do público.

O sociólogo George Magnane<sup>16</sup> descreve a chegada do corredor Zatopek, no estádio de Wembley, em Londres, em 1948:

A multidão inteira só via Zatopek. Os sessenta mil espectadores de Wembley estavam em plena ação com Zatopek. Mais que um diálogo, era uma identificação total entre o ator e seu público. Cada vez que Zatopek desembocava na última curva, o clamor ribombava como um trovão do juízo final. Cada um gritava com todas suas forças, mas sem distinguir a sua voz, que se perdia na voz coletiva do estádio levantado (p. 84).

Nos estudos sociológicos sobre a identidade esportiva, ocupa um papel importante as análises sobre a memória coletiva. Uma conquista histórica, uma equipe campeã, um gol decisivo, jamais são esquecidos. Torcedores e jogadores lembram de fatos ocorridos há 10, 20, 30, 50 anos, como se ontem houvessem ocorrido. Lembram-se de detalhes e minúcias. “A ponte com o passado desperta no presente a tradição que se deve zelar”<sup>2</sup>. Um jogo de futebol nunca termina, conforme expõe Huizinga<sup>14</sup>, pois “permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado na memória. É transmitido, torna-se tradição”<sup>14</sup>.

Sobre esta questão, Assumpção<sup>2</sup> expõe que:

Um “espírito vivo” mantém-se de geração a geração. A história sempre recontada faz com que não se possa diferenciar o verdadeiro do acrescido pela imaginação. Craques do passado são subsumidos por craques do presente. Dribles fabulosos permanecem vivos na memória e as grandes equipes são uma chama que não se apaga (p. 79).

Em uma sociedade marcada pela lógica competitiva a desintegração social promovida pelo esporte não pode deixar de ser analisada. Há inúmeros casos de atletas que, em função de seus talentos e habilidades, ascendem rapidamente no mundo esportivo. Em pouco tempo passam a freqüentar espaços até então relativamente inacessíveis e desconhecidos para eles. Mudam bruscamente de padrões sociais, passando a

conviver, de forma mais ou menos inesperada, com a fama e com o prestígio.

No entanto, a carreira de um atleta é curta. Geralmente, com pouco mais de trinta anos são obrigados a encerrá-la. Alguns vivenciam, repentinamente, a perda do poder, do status, do prestígio que passaram a desfrutar. Regressam a um estado de esquecimento e de ocaso. Em muitos esportes – no futebol, por exemplo—a imensa maioria dos atletas origina-se das classes sociais mais baixas, com menor qualificação e formação educacional. Que fazer após o encerramento das carreiras? Quais serão suas perspectivas profissionais? Poucos são aqueles que continuam trabalhando na área, ocupando cargos de gestão e direção. Alguns vivenciam graves situações anômicas. Bom trabalho nesta linha foi realizado pelo sociólogo William Rhoden<sup>20</sup> sobre ex-jogadores negros do basquete americano que, ao fim de suas carreiras como atletas dificilmente ocupam cargos de gestores, dirigentes, técnicos, psicólogos, etc.

Os estudos de tendências de mercado, têm portanto, se constituído em foco dos estudos da Sociologia do Esporte, que utiliza-se de importantes ferramentas teórico-metodológicas que lhe permite dimensionar e mapear demandas latentes, desejos coletivos, necessidades, expectativas e anseios de diferentes grupos sociais. Este corpo de conhecimento pode ser muito útil para os atores sociais que administram, planejam e organizam o universo esportivo. Pode-se, por exemplo, identificar distintas apropriações de uma mesma modalidade esportiva.

Vejamos, por exemplo, o caso do ciclismo. Os interesses dos atores sociais que circulam neste universo são tão distintos e tão multifacetados que, sociologicamente, faz pouco sentido falar de “ciclismo”, de uma forma tão genérica.

Com efeito, basta um olhar panorâmico para imediatamente identificamos três categorias sociais distintas que conduzirão a três formas específicas de apropriação coletiva: há o ciclismo praticado com fins competitivos, com alto grau de desenvolvimento tecnológico, organização racionalizada e especializada, onde se buscam vitórias e quebra de recordes. Existe,

também, o ciclismo, por assim dizer, “turístico”, praticado com bicicletas fabricadas para o consumo de massa e destinadas prioritariamente às atividades de lazer e passeio. Finalmente, há o ciclismo “aventureiro”, com uso de bicicletas apropriadas para trilhas mais difíceis como montanhas, com subidas e descidas íngremes.

Cada um desses grupos sociais envolve habilidades, ações, atitudes, expectativas, bens e serviços específicos, com seus mercados particulares e suas demandas próprias. A Sociologia do Esporte pode contribuir para o conhecimento da dinâmica e funcionamento desses universos.

### Agradecimentos

À CAPES pela concessão de bolsa Prosup/Tipo I ao último autor.

### Referências

1. Actes de La recherche em sciences sociales. Paris: Editions de Minuit, 1989.
2. Assumpção LOT. **O jogo de futebol e a cultura invertida**. 1992. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasil.
3. Assumpção LOT, Marzinek A, Abreu SS. Meios de comunicação de massa e motivação de práticas esportivas para idosos - o caso do programa brasileiro Globo Esporte. **In: Faleiros V PL, Lahud AM (Eds.). Desafios do Envelhecimento: Vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 1992, p. 181-197.
4. Bourdieu P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1999.
5. Bourdieu P. Comment peut-on être sportif? **In Questions de Sociologie**. Paris: Les éditions de minuit, 2002, p. 137-195.
6. Bromberger C. **Le Match de Football**. Paris: La Maison des Sciences de l’Homme, 1995.
7. Brohn JM. **Sociologia política del deporte**. Ciudad Del México: Fondo de Cultura Econômica, 1982.
8. Castells M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
9. DaMatta R. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
10. Debord G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1991.
11. Goellner SV. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento** 2007,13(2):174-196.

12. Goellner SV. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte** 2008,1(1):1-28.
13. Hargreaves J. **Critical issues in the history and sociology of women's sports**. London and New York: Routledge, 2003.
14. Huizinga, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
15. Knijnik JD. **A Mulher Brasileira & O Esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
16. Magnane G. **Sociologia do Esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
17. Paiva EM. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
18. Priore MD. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
19. Proni M, Araujo L, Amorim R. **Leitura Econômica dos Jogos Olímpicos: financiamento, organização e resultados**. Brasília: IPEA, 2008.
20. Rhoden W. **Forty Million Dollar Slaves**. New York: Crown Publishers, 2006.
21. Rodrigues N. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
22. Romero, E. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.
23. Sampaio, T. M. Gênero e Lazer: um binômio instigante. In N. C. Marcellino (Ed.), **Lazer e Sociedade, múltiplas relações**. Campinas, SP: Alínea, 2008, p. 139-154.
24. Schpun MR. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Senac, 1999.
25. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade** 1995;20(2),71-100.
26. Vinai G. **El fútbol como ideologia**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1974.
27. Wacquaint L. **Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
28. Yuri D. **Brasileiras enfrentam preconceito pelo boxe**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2005.